



RELICI

BULLYING, TECNOLOGIA E JUVENTUDE: CONVERGÊNCIAS ENTRE MONSTER (2023) E ADOLESCÊNCIA (2025)¹

BULLYING, TECHNOLOGY, AND YOUTH: CONVERGENCES BETWEEN MONSTER (2023) AND ADOLESCENCE (2025)

*Tânia Lúcia Nunes do Nascimento*²

RESUMO

Este artigo analisa as representações do *bullying* e do *cyberbullying* no filme *Monster* (2023), dirigido por Hirokazu Kore-eda, e na minissérie *Adolescência* (2025), criada por Stephen Graham e Jack Thorne e produzida pela Netflix. Busca-se compreender como ambas as obras articulam dimensões emocionais, institucionais e sociais da violência entre pares no contexto contemporâneo. Com base em revisão teórica sobre *bullying* e *cyberbullying* e em análise comparativa das produções audiovisuais, discutem-se a vulnerabilidade adolescente, a incompreensão dos adultos e as limitações das instituições escolares no enfrentamento de conflitos. Os resultados indicam que tanto *Monster* quanto *Adolescência* evidenciam a invisibilidade do sofrimento juvenil e a necessidade de políticas integradas de prevenção, envolvendo escola, família e plataformas digitais. Conclui-se que as obras contribuem para ampliar o debate público sobre saúde mental, violência escolar e interações digitais que configuram a experiência adolescente.

Palavras-chave: *bullying*, *cyberbullying*, violência escolar, adolescência, cultura digital.

ABSTRACT

This article analyzes the representations of bullying and cyberbullying in the film *Monster* (2023), directed by Hirokazu Kore-eda, and in the miniseries *Adolescence* (2025), created by Stephen Graham and Jack Thorne and produced by Netflix. It seeks to examine how both works articulate emotional, institutional, and social dimensions of peer violence in the contemporary context. Based on a theoretical review of bullying and cyberbullying, as well as a comparative analysis of the audiovisual productions, the study discusses adolescent vulnerability, adult misunderstanding, and the limitations of school institutions in addressing conflicts. The findings indicate that both

¹ Recebido em 25/02/2026. Aprovado em 28/03/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.19512279

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. tanielu@terra.com.br



RELICI

Monster and *Adolescence* highlight the invisibility of youth suffering and the need for integrated prevention policies involving schools, families, and digital platforms. The study concludes that these works contribute to broadening the public debate on mental health, school violence, and digital interactions that shape the adolescent experience.

Keywords: bullying, cyberbullying, school violence, adolescence, digital culture.

INTRODUÇÃO

Bullying e *cyberbullying* deixaram de ser temas restritos ao ambiente escolar e passaram a ocupar um lugar central em debates que envolvem juventude, educação, tecnologia e saúde mental. A crescente atenção voltada a essas práticas evidencia não apenas sua complexidade, mas também seus efeitos duradouros sobre o desenvolvimento emocional e social dos indivíduos.

Em sociedades cada vez mais hiperconectadas, a violência entre pares assume novas configurações, expandindo o alcance da intimidação sistemática. Com as interações digitais, ampliam-se tanto os espaços de manifestação dessas agressões quanto a necessidade de uma abordagem mais abrangente e interdisciplinar do problema.

Se antes o *bullying* acometia as vítimas apenas dentro dos muros escolares, em martírios que pareciam infinitos embora restritos àquele espaço, hoje, com as facilidades tecnológicas, as humilhações se propagam pelas redes sociais à velocidade da internet, acompanhando a vítima em todo canto e a qualquer hora.

Obras cinematográficas recentes têm suscitado reflexões profundas sobre esses fenômenos, oferecendo perspectivas sensíveis e críticas acerca da influência das redes sociais na interação juvenil, bem como sobre o *bullying*, a intimidação virtual e os desafios relacionados à saúde emocional. Ao fazê-lo, instigam pais, educadores e autoridades a reconsiderarem suas práticas e a refletirem sobre os efeitos de suas omissões na vida de crianças e jovens.

Nesse contexto, este artigo busca analisar as relações e as convergências entre o filme *Monster* (2023), de Hirokazu Kore-eda, e a minissérie *Adolescência* (2025), produção da Netflix.



RELICI

Enquanto *Kore-eda* apresenta um drama de narrativa fragmentada que revela a complexidade dos acontecimentos e a fragilidade infantil, a Netflix, por meio da minissérie contemporânea criada por Jack Thorne e Stephen Graham, expõe como jovens lidam com pressão social, redes sociais, ansiedade, exposição e a busca por pertencimento. Embora distintos em formato, linguagem e propósito, ambos os produtos audiovisuais convergem ao discutir a vulnerabilidade emocional de adolescentes e os efeitos da violência simbólica e digital no cotidiano escolar e social.

BULLYING E CYBERBULLYING NA CULTURA DIGITAL

Caracterizado por atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, o *bullying* configura-se como uma forma de intimidação sistemática entre pares, estruturada por relações assimétricas de poder e pela exposição continuada da vítima a ações nocivas praticadas por um ou mais agressores, o que o distingue de conflitos ocasionais. No campo educacional, o termo designa práticas de desrespeito, hostilidade e violência entre estudantes. Suas manifestações podem assumir formas físicas, verbais, materiais, psicológicas ou sexuais, produzindo repercussões emocionais e comportamentais que variam de ansiedade e depressão a situações extremas, como autolesão, homicídio ou suicídio, evidenciando a gravidade social e subjetiva do problema.

No contexto digital, o *cyberbullying* apresenta-se como desdobramento dessa mesma lógica de intimidação, caracterizando-se pelo uso das mídias para difamar, ameaçar, humilhar ou constranger indivíduos ou grupos. Ao deslocar a violência para o ambiente virtual, amplia-se significativamente a exposição da vítima, já que conteúdos ofensivos podem circular rapidamente, alcançar públicos extensos e permanecer acessíveis por tempo indeterminado, intensificando a sensação de vulnerabilidade e perda de controle. Segundo Beluce (2019, p. 68-69), destacam-se como elementos distintivos a amplitude da audiência, a revitimização decorrente do compartilhamento reiterado e o anonimato, que dificulta a identificação do agressor. Nesse cenário, diferentemente do espaço presencial, uma única publicação pode



RELICI

produzir efeitos devastadores, reativando continuamente sentimentos de vergonha, humilhação e desamparo.

JUVENTUDE CONECTADA: TECNOLOGIA, FORMAÇÃO HUMANA E VULNERABILIDADE

Em um cenário em que visibilidade e fama, características centrais da sociedade do espetáculo idealizada por Guy Debord³, mostram-se mais presentes do que nunca, observa-se a invasão consensual da privacidade e a exposição constante de vidas pessoais, impulsionadas pela busca por seguidores, fãs e visualizações. A fronteira entre público e privado se desfaz, e os indivíduos tornam-se protagonistas de um espetáculo contínuo, no qual a validação externa passa a medir seu valor e a construção de si.

Nascidos na era digital, muitos jovens percebem computadores, tablets e celulares como extensões de sua identidade e de suas formas de expressão, na medida em que oferecem múltiplas possibilidades de interação, aprendizado e construção de vínculos sociais. Contudo, é necessário considerar os possíveis efeitos adversos desse envolvimento tecnológico no desenvolvimento infantojuvenil, especialmente nas dimensões cognitivas, sociais e emocionais, o que exige um uso equilibrado entre benefícios e riscos.

Por ser um período de profundas mudanças na formação da identidade, a adolescência é marcada pela necessidade de integração ao grupo, pela sensibilidade às opiniões alheias e pela influência das redes sociais na percepção de si. Esses fatores ampliam a fragilidade dos jovens e potencializam as consequências de violências presenciais ou virtuais, intensificando os efeitos do *bullying* e do *cyberbullying*.

³ Guy Debord foi um filósofo e cineasta francês, autor de *A Sociedade do Espetáculo* (1967), onde critica a cultura contemporânea dominada por imagens e aparências, nas quais a vida real é substituída por representações midiáticas.



RELICI

No universo digital contemporâneo, os jovens enfrentam riscos como exposição excessiva, falta de privacidade, aproximação de assediadores e criadores de *cyberbullying*, além da pressão para participar de desafios online potencialmente perigosos e movimentos ideológicos tóxicos. Em um ambiente em que a visibilidade é valorizada, mas as consequências das interações nem sempre são claras ou plenamente controláveis, a linha entre liberdade de expressão e vulnerabilidade ao controle ou à exploração torna-se cada vez mais tênue.

Ferrari, Machado e Ochs (2020, p. 24) destacam que, embora crianças e adolescentes demonstrem grande habilidade no uso de redes sociais como *Facebook*, *X* e *Instagram*, muitos ainda carecem de capacidade crítica para avaliar as informações veiculadas. Essa contradição evidencia um desafio central: a familiaridade tecnológica não garante discernimento quanto à veracidade ou relevância do conteúdo consumido.

A exposição constante a conteúdos digitais repercute no desenvolvimento socioemocional dos jovens, manifestando-se na diminuição das interações presenciais, em dificuldades na gestão das emoções e na aceitação passiva de conteúdos online sem postura crítica. Observa-se, ainda, a banalização de discursos que deveriam gerar repúdio, o que pode enfraquecer a empatia e a capacidade de reagir a violações éticas. Esses elementos tornam necessária uma reflexão sobre os efeitos da cultura digital na vida dos adolescentes e a promoção de um uso crítico e equilibrado das tecnologias.

MONSTER (2023): MULTIPLICIDADE DE OLHARES, TENSÕES INTERPRETATIVAS E SILENCIAMENTOS DA VIOLÊNCIA

O filme *Monster (Kaibutsu)*, baseado no roteiro original de Yuji Sakamoto, apresenta, em seu panorama inicial, uma mãe aflita, um professor acusado de abuso e um estudante em situação de assédio moral, compondo um cenário de tensão emocional e social que permeia a narrativa. Lançada no Brasil em 2023, a obra foi



RELICI

amplamente aclamada pela crítica e recebeu o prêmio de melhor roteiro no Festival de Cannes no mesmo ano.

A produção desperta reflexões não apenas pelo desenrolar da trama, mas pelas temáticas abordadas de forma sensível e crítica, como *bullying*, preconceito, intolerância, perda, solidão, amor e processos de renascimento. Tais elementos possibilitam um diálogo com estudos sobre violência entre pares, fragilidade juvenil e construção de identidade, evidenciando o cinema como espaço de análise sociocultural e de compreensão das experiências de crianças e adolescentes em contextos de vulnerabilidade.

Durante sua exibição, *Monster* reconstrói três vezes a mesma história, cada uma a partir do ponto de vista de personagens centrais distintos, acrescentando, a cada nova versão, elementos que desestabilizam convicções anteriores e articulam as lacunas da narrativa, como em um quebra-cabeça no qual cada participante detém peças indispensáveis para que o conjunto se torne inteligível.

O elo entre as três perspectivas é a imagem de um incêndio em um bar de acompanhantes, em que o fogo, para além de consumir uma estrutura física, opera simbolicamente ao desintegrar certezas e reconfigurar percepções previamente estabelecidas.

O primeiro ponto de vista apresentado em *Monster* é o de Saori, jovem mãe viúva inquieta com as mudanças recentes no comportamento de seu filho de onze anos, Minato. Após retornar para casa com hematomas e permanecer em silêncio na maior parte do tempo, o menino indica seu professor, Hori, como responsável por sua mudança repentina. Ao procurar a escola para uma reunião com a direção e o corpo docente, em busca de esclarecimentos, Saori se vê tomada pelo desespero diante da aparente indiferença dos presentes, que, em determinado momento, inclinam-se diante dela de modo automático, pedindo desculpas e classificando a acusação como um mal-entendido.

A cena constrói a imagem de uma mãe sufocada por uma barreira humana curvada. Mesmo tentando capturar olhares ou sinais de empatia, Saori encontra



RELICI

apenas a opacidade de expressões que repetem gestos formais, possivelmente indícios de descaso ou de um mecanismo institucional de autopreservação. Ao final do encontro, após ouvir do professor um pedido de desculpas esvaziado de sentido, a mãe se inclina em direção à diretora e questiona, em tom de incredulidade: “Estou falando com seres humanos?”.

A resposta, ausente e quase inarticulada naquele primeiro momento, surge na segunda perspectiva de *Monster*, agora sob o olhar do professor Hori, jovem recém-contratado. A partir de sua narrativa, delinea-se a figura de um educador genuinamente atento aos alunos e ao futuro que possam construir. Depois de presenciar situações em que Minato aparentemente agride o colega Yori, chegando, em certo momento, a trancá-lo no banheiro, Hori passa a interpretar os acontecimentos como um possível caso de *bullying*.

Quando informado sobre a ida de Saori à escola, o professor recebe da diretora a orientação para assumir qualquer acusação que lhe seja dirigida, sob o argumento de que culpar o aluno provocaria a fúria dos pais e de que, independentemente dos fatos, ele deveria proteger a reputação da instituição. Ele assim procede. Ao espectador, revela-se então uma escola apresentada como estrutura fragilizada e moralmente comprometida, disposta a ocultar suas falhas para sustentar uma imagem pública artificial. Ao revisitar a cena em que todos se curvam diante da mãe atordoada, percebe-se que, sob essa nova lente, não se trata de olhares vazios, mas de olhos constrangidos que se esquivam, carregados de vergonha, remorso e feridas abertas.

Antes de prosseguir, torna-se necessário deter o olhar sobre a figura da diretora, Makiko, que, para Saori, encarna o cinismo institucional por meio de respostas ensaiadas e evasivas. Ao longo da narrativa, contudo, sua imagem mostra-se mais densa, descortinando uma mulher marcada por amarguras, culpas, segredos e mentiras.

“Eu também menti”, confessa a dirigente a Minato, antes de incentivá-lo a soprar suas angústias e inverdades pelo bocal de um trombone, convertendo-as em



RELICI

sons desafinados. O gesto simbólico sugere que aquilo que não encontra espaço na palavra pode ganhar forma no ruído, na melodia imperfeita, espelhando a desarmonia com que a própria vida lhes tem se imposto.

O terceiro e revelador ponto de vista em *Monster* é narrado a partir do sofrimento de Minato e de seu colega de turma, Yori, um garoto gentil, de olhar triste e sombrio, que vive sob a tutela de um pai alcoólatra. Embora ainda em processo de formação, a sensibilidade e a delicadeza de Yori despertam incômodo tanto entre os colegas quanto no ambiente doméstico. Na escola, ele se torna alvo de atitudes violentas e de zombarias; em casa, sofre agressões físicas e ofensas que o levam a acreditar ser portador de um mal contagioso, supostamente adquirido por ter tido, segundo o pai, o cérebro trocado por um de porco.

Por compartilhar afinidades com Yori, Minato não concorda com as perseguições dirigidas ao amigo. Contudo, como ocorre com muitos que presenciam o *bullying*, opta por uma postura de aparente neutralidade, temendo também se tornar alvo das intimidações sistemáticas. Em determinado momento, afirma a Yori: “Nós somos amigos, mas não fale comigo na escola”. Mais adiante, consumido pela angústia provocada pelo conflito entre seus afetos e o medo da violência, Minato passa a internalizar as acusações dos chamados ‘monstros sociais’ e, em sua inocência, começa a acreditar que também tenha tido o cérebro substituído por um de porco.

O medo permeia o enredo de *Monster* e manifesta-se como temor diante do que se sente, do que se pensa e do julgamento do outro. Esse clima de insegurança ecoa a reflexão de Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis (2014, p. 119), para quem, entre as ameaças oriundas da natureza, da fragilidade do corpo e das ações humanas, aquela que mais nos inquieta é a inadequação das regras que regulam as relações humanas. No universo do filme, essa insegurança se evidencia nos conflitos vividos por Minato e Yori, bem como pelos adultos que os cercam, nos quais embates familiares, escolares e sociais intensificam a sensação de vulnerabilidade e desamparo.



RELICI

A partir desse ponto, a dimensão dolorosa mas também delicada e profundamente sensível da narrativa se intensifica. Em uma brincadeira de adivinhações, os meninos perguntam: “Quem é o monstro?”, instaurando uma indagação que ultrapassa a trama e alcança o espectador. Quem, afinal, encarna o monstro desta história? A diretora? O professor? O pai violento? Os colegas que praticam *bullying*? A instituição escolar fragilizada? Os sistemas sociais que legitimam exclusões? Os meios de comunicação? As convenções coletivas? As palavras que ferem? Os sentimentos reprimidos? Ou cada um de nós?

A inocência, a leveza e a sabedoria das crianças, em busca de suas identidades, confrontam a monstruosidade inscrita nas ações dos adultos e nas normas sociais que as cercam. Ainda que assustados e inseguros, Minato e Yori escolhem afirmar a felicidade possível e preservar seus vínculos afetivos como prova de resistência. Em *Monster*, essa ideia se expressa com delicadeza em gestos simples e profundamente simbólicos, como a partilha do par de tênis de Minato e a cena em que Yori, mesmo consciente de que continuará a sofrer agressões do pai, abre a porta de casa e grita ao amigo que a história sobre sua suposta paixão por uma menina não passa de uma mentira.

O desfecho surge como promessa de renascimento, em um espaço onde a ingenuidade deixa de ser confundida com fragilidade e a liberdade se anuncia como possibilidade concreta. A passagem por portas, a saída da escuridão marcada pelo preconceito e pela intolerância em direção à luz da aceitação, simbolizam uma ruptura, quase um gesto-limite daqueles que, ao atingirem o ápice de suas dores e conflitos, ousam escolher a própria verdade como horizonte.

Em *Monster*, o enredo não se concentra na sexualidade entendida como definição de orientação sexual, sobretudo porque seus protagonistas ainda são crianças em formação, em pleno processo de autoconhecimento e construção identitária. A narrativa desloca o foco para algo mais amplo e sensível: a descoberta de si e a busca por formas legítimas de expressão em um universo marcado pela rigidez, pelo controle e pela rejeição ao que escapa às normas estabelecidas.



RELICI

As experiências vividas por Minato e Yori evidenciam, assim, os desafios de crescer em contextos que restringem a diversidade e sufocam a liberdade individual. Mais do que rotular sentimentos, o filme convida à reflexão sobre a violência simbólica que recai sobre qualquer diferença percebida, revelando o quanto a imposição de padrões pode transformar a infância, que deveria ser espaço de descoberta e acolhimento, em território de medo e silenciamento.

No Japão, a prática do *ijime*, termo que se refere às agressões decorrentes do *bullying*, constitui um problema persistente, frequentemente dirigido a indivíduos que apresentam diferenças físicas ou socioculturais, como estudantes estrangeiros. Dados divulgados em 2025, com base em pesquisa do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia do Japão, registraram 769.022 casos de *bullying* no ano anterior, concentrados majoritariamente no Ensino Fundamental.

No Brasil, apesar da Lei Federal nº 13.185/2015⁴, os índices também permanecem elevados. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE/IBGE, 2022, p. 46) indicou que, em 2019, 40,3% dos estudantes de 13 a 17 anos relataram ter sofrido *bullying*, percentual superior ao registrado em 2009, tanto na rede pública quanto na privada. Esses dados evidenciam a gravidade do problema, enquanto *Monster* revela, de forma sensível, os efeitos da violência e da exclusão sobre crianças, ressaltando a urgência de atenção às estruturas sociais e educativas e a importância da escuta e do reconhecimento do outro.

ADOLESCÊNCIA (2025): AMBIENTES ONLINE, VISIBILIDADE, FAMA E FRAGILIDADES EMOCIONAIS

Um assassinato, uma acusação e a busca urgente por culpados compõem o cenário inicial de *Adolescência*, obra que, assim como *Monster*, evidencia a dificuldade de adolescentes serem compreendidos e acolhidos em seus conflitos. A

⁴ A Lei Federal nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo o território nacional, estabelecendo diretrizes para sua prevenção e enfrentamento.



RELICI

narrativa revela a fragilidade das redes de apoio e a insuficiência das respostas institucionais diante de situações que exigiriam escuta, sensibilidade e responsabilidade compartilhada.

Filmada integralmente em plano-sequência, técnica na qual a câmera acompanha a ação sem cortes aparentes, a minissérie envolve o espectador de maneira direta e imersiva. Esse recurso intensifica a sensação de proximidade, colocando o público ao lado dos personagens, quase como testemunha dos acontecimentos. A ausência de interrupções visuais amplia a carga dramática a cada gesto, hesitação ou silêncio, conferindo densidade às interações e reforçando tanto a impressão de realidade quanto o vínculo emocional entre espectador e narrativa.

Com forte carga dramática, a minissérie dirigida por Philip Barantini apresenta, em suas cenas iniciais, a polícia inglesa invadindo abruptamente a casa da família Miller em busca de Jamie, um jovem de 13 anos acusado de assassinar uma colega de escola.

Esse anúncio já delinea o tom da narrativa ao expor um universo juvenil marcado por pressões, superexposição, incompreensões e conclusões precipitadas, no qual a vida dos adolescentes é também configurada por expectativas adultas, demandas sociais e dinâmicas digitais que intensificam conflitos, disseminam ódio e instauram julgamentos públicos.

Após apreensão do filho, acreditando tratar-se de um equívoco, Eddie, pai de Jamie, dirige-se imediatamente à delegacia em busca de esclarecimentos. No entanto, diante da confissão do adolescente, o foco desloca-se do fato isolado para as forças que o precederam e o tornaram possível. Eddie passa a lidar não apenas com as repercussões do ocorrido, mas também com a culpa por sua ausência na rotina do filho, esforçando-se para compreender como não percebeu os indícios de sofrimento que se acumulavam em silêncio.

O inspetor Luke Bascombe, determinado a investigar as motivações do ocorrido, depara-se com formas de violência digital mobilizadas entre os jovens, cujas práticas de humilhação, disseminadas de modo anônimo, corroem silenciosamente o



RELICI

cotidiano escolar. Ao aprofundar-se nas dinâmicas virtuais, descobre que seu próprio filho também é alvo desse tipo de agressão no espaço que deveria representar convivência, proteção e aprendizado.

A psicóloga Briony Ariston procura estabelecer um vínculo com Jamie, na tentativa de alcançar a dor que se esconde por trás do silêncio e da postura defensiva do adolescente. A mãe, que até então acreditava que o recolhimento do filho diante do computador significava proteção e segurança, vê-se confrontada com a dimensão hostil do universo digital, espaço que também expõe, fere e abandona. Os professores, por sua vez, imersos nas demandas burocráticas e nas pressões institucionais, revelam-se incapazes de perceber aquilo que se desenrolava diante de seus próprios olhos.

Em torno do crime, evidencia-se não apenas a tragédia da vida brutalmente interrompida da vítima, mas igualmente o abalo profundo das existências que permanecem. Culpa, perplexidade e impotência passam a compor um cenário em que omissões, equívocos e fragilidades se articulam, demonstrando que o ato cometido não surge de forma isolada, mas é precedido por uma cadeia de falhas e silêncios que ultrapassam o instante do crime.

Com o advento da internet, a vulnerabilidade própria da adolescência tornou-se ainda mais visível. Em pleno processo de formação e em busca constante por reconhecimento, o jovem se vê facilmente desestruturado quando confrontado com situações que fogem ao seu controle, o envergonham ou frustram suas expectativas. Nesse terreno instável, o *cyberbullying* assume feições cada vez mais sutis e perigosas, sustentadas por códigos implícitos, emojis ambivalentes e formas indiretas de hostilidade que frequentemente passam despercebidas pelos adultos. As redes sociais instauram uma lógica de vigilância entre pares, na qual os próprios adolescentes se observam mutuamente por meio de curtidas, visualizações e comentários, instaurando dinâmicas contínuas de exposição. Cancelamentos, constrangimentos públicos e compartilhamentos indevidos ampliam o alcance e a duração dos danos, como evidenciado em *Adolescência*.



RELICI

Ao demonstrar como o ambiente virtual interfere profundamente na experiência juvenil, da construção da autoimagem à busca por validação, a minissérie levanta uma questão central: quem, de fato, participa hoje da formação identitária dos jovens pertencentes à chamada ‘geração do quarto’?

Popularizado pelo educador Hugo Monteiro Ferreira, o termo ‘geração do quarto’ refere-se a crianças e adolescentes que passam longos períodos isolados, envolvidos no uso contínuo de dispositivos digitais. Tal reclusão pode associar-se a dificuldades de convivência presencial, limitações na expressão emocional e, em casos extremos, comportamentos autodestrutivos. No universo online, esses jovens circulam por múltiplos discursos e comunidades, que variam de conteúdos triviais a ideologias violentas. Sem mediação familiar consistente, influenciadores digitais passam a ocupar o lugar de referência moral e afetiva, tornando-os mais suscetíveis a narrativas manipuladoras.

Ao abordar temas como a cultura *Incel*, a violência de gênero e processos de radicalização virtual, *Adolescência* revela fenômenos presentes no cotidiano digital, mas que frequentemente permanecem desconhecidos ou relegados ao silêncio social. Conforme definem Arduíno, Chagas e Toledo (2024), a cultura *Incel* integra a chamada machosfera, conjunto de discursos antifeministas que exaltam ideais de masculinidade extrema e congregam grupos organizados em torno dessa lógica. O termo designa homens que se autodeclaram celibatários involuntários, convencidos de que são incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou sexuais por acreditarem que as mulheres privilegiam apenas homens ricos ou fisicamente atraentes.

Mais do que apontar responsáveis, *Adolescência* procura compreender os percursos que culminaram no ato extremo cometido por Jamie. A pergunta desloca-se de “quem fez?” para “como se chegou a isso?”, levando cada personagem a confrontar suas próprias omissões e fragilidades. O pai reconhece a distância emocional que manteve; a mãe revê a crença de que o quarto representava proteção; os professores encaram sinais negligenciados; e o inspetor percebe, ao identificar o



RELICI

sofrimento do próprio filho, que a violência juvenil integra um quadro mais amplo de descuidos estruturais.

Assim como *Monster*, a minissérie evidencia a luta de adolescentes por reconhecimento e acolhimento. Ambas as obras expõem a precariedade das redes de suporte, a demora institucional em identificar o sofrimento juvenil e a tendência adulta de enxergar apenas o comportamento manifesto, ignorando a dor que o antecede. As tragédias envolvendo jovens, portanto, não resultam do acaso, mas do acúmulo de solidões, pressões e silenciamentos que poderiam ter sido escutados antes de se tornarem irreversíveis.

CONCLUSÃO

Monster, assim como *Adolescência*, fala de perdas, mas também de amor e da urgência de lançar um olhar mais atento ao outro. Ambas as narrativas convidam à revisão de atitudes e julgamentos, recordando que jamais conhecemos integralmente a trajetória alheia, seus medos, seus silêncios e as dores que estruturam sua experiência cotidiana. Toda história comporta mais de uma verdade. Não se trata de versões concorrentes de um mesmo fato, mas de perspectivas densas e legítimas, que não devem ser hierarquizadas nem reduzidas a interpretações simplistas.

É nesse ponto que a reflexão retorna ao *bullying* e à potência transformadora da educação em contraste com a lógica punitiva. Embora a proteção às vítimas seja inegociável, a resposta imediata baseada apenas na condenação pode obscurecer as causas que antecedem a violência. Diversos relatos indicam que comportamentos agressivos podem encobrir contextos de negligência, abuso ou sofrimento profundo. A atitude ofensiva, ainda que inaceitável, pode configurar um pedido de ajuda disfarçado. Torna-se, portanto, indispensável realizar avaliações cuidadosas e oferecer acompanhamento psicopedagógico a todos os envolvidos.

No que se refere às instituições escolares, negar ou minimizar o *bullying* não as exime de responsabilidade. O silêncio institucional pode tornar-se tão danoso



RELICI

quanto a própria agressão. As duas obras ressaltam que prevenção e acolhimento exigem coragem, escuta qualificada e compromisso coletivo para enfrentar conflitos sem ocultá-los.

“Renascemos? Não, somos nós mesmos”, afirmam os meninos de *Monster* em seu diálogo final, enquanto correm soltos pelo verde, sem muros, prédios ou cercas, rumo ao clarão, à luz da aceitação. Livres dos monstros internos e dos olhares condenatórios, atravessam pontes, deixando o peso do julgamento se dissolver a cada passo. Entre sorrisos tímidos e risadas espontâneas, sentem a leveza de poderem ser, enfim, quem realmente são.

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA [Minissérie]. Direção: Philip Barantini. Produção: Warp Films, Matriarch Productions e Plan B Entertainment. Reino Unido: Netflix, 2025. 4 episódios (aprox. 1h cada).

ARDUINO, Nicholas P.; CHAGAS, Nicolas V.; TOLEDO, Livia G. Redpill: a propagação online de um movimento machista. In: Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XXVIII, 2024, Vale do Paraíba - SP. **Anais Eletrônicos** [...].

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BELUCE, Andrea Carvalho. **Estudantes e as tecnologias digitais: relações entre cyberbullying e motivação para aprender**. Tese (Doutorado em educação). Universidade Estadual de Londrina. Londrina - PR, 211 p., 2019.

BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2014.

FERRARI, Ana C.; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia de educação midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FERREIRA, Hugo Monteiro. **A geração do quarto: Quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. Rio de Janeiro: Record, 2022.



RELICI

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental dos municípios das capitais, 2009-2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JAPÃO tem recorde de bullying nas escolas com aumento de casos graves e violência entre alunos. **Revista Alternativa**, Japão, out. 2025. Disponível em <https://alternativa.co.jp/noticias/japao/182461/japao-tem-recorde-de-bullying-nas-escolas-com-aumento-de-casos-graves-e-violencia-entre-alunos/>. Acesso em 9 fev. 2026.

MONSTER (Kaibutsu). Direção: Hirokazu Kore-eda. Produção: Minami Ichikawa, Ryo Ota, Kiyoshi Taguchi, Hajime Ushioda, Kenji Yamada, Tatsumi Yoda. Japão, 2023. 127 min., sonoro, colorido.